

# Imigração Francesa no Brasil

## Cultura, ideias e trabalho nos séculos XIX e XX

Laurent Vidal e Tania Regina de Luca (org.).  
*Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009

**Nívia Pombo**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação  
em História da Universidade Federal Fluminense.

No século XIX, logo após a queda de Napoleão Bonaparte, um grupo de artistas desempregados desembarcou no Brasil em busca de exílio seguro. Das aquarelas e pincéis da chamada “missão artística francesa”, surgiram as primeiras imagens de um império tropical, cuidadosamente adornado por detalhes e cores do neoclassicismo francês. A terra brasileira inspirava belas paisagens edênicas que, ilustrando obras do gênero “viagens pitorescas”, serviriam de instrumento de propaganda do Estado imperial para atrair imigrantes europeus.



Muitos vieram e foram distribuídos pelas regiões carentes de mão de obra, especialmente após a abolição da escravidão em 1888. Ao examinar a historiografia sobre a imigração, encontramos capítulos sobre italianos, japoneses, alemães, portugueses, árabes e poloneses, espalhados pelas colônias agrícolas do país. Mas sobre os franceses as informações são escassas. No Ano da França no Brasil, a reflexão sobre o tema não poderia ser mais oportuna, justificando a publicação de *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*, organizado por Laurent Vidal e Tania Regina de Luca.

Presente no cotidiano dos brasileiros que viveram entre os séculos XIX e XX, a cultura francesa ditava o comportamento e as formas de sociabilidade das elites. Roupas, perfumes, cabeleireiros, leituras e outros *divertissements* conferiam às principais cidades brasileiras ares de modernidade e progresso. A França servia de modelo para um país jovem à procura de elementos para formar sua identidade e conquistar seu espaço junto às nações civilizadas. Inegável, a influência dos valores e das tradições francesas no imaginário nacional pouco informa, no entanto, sobre a presença real dos imigrantes que vieram para o Brasil, em busca de trabalho ou refúgio.

Escapando às interpretações tradicionais sobre o fenômeno da emigração europeia para o Brasil, o caso francês apresenta particularidades ainda pouco investigadas. A começar pelos números. Como apontam os organizadores da obra na introdução, entre os anos de 1882 e 1891, o porto de Santos registrou a chegada de 202.503 italianos e apenas 1.922 franceses. A cifra modesta sugere que a vinda desses franceses para o Brasil ocorreu por razões distintas em comparação com outras etnias. Como afirmam Laurent Vidal e Tania Regina de Luca, é justamente esta presença maciça de outros europeus que “ajuda a compreender a ‘invisibilidade’ dos franceses”. Rastrear a trajetória desses imigrantes e conhecer a realidade desses homens e mulheres torna-se, portanto, uma tarefa instigante.

Organizada em cinco partes, a obra combina eixos temáticos que permitem ao leitor acompanhar o percurso desses imigrantes, desde as motivações para a escolha do Brasil até suas experiências de vida em diferentes regiões do país. A primeira, “Imigrar para o Brasil: imagens e realidades”, agrupa três artigos que, com olhares distintos, investigam os projetos de emigração e as políticas elaboradas pelos governos dos dois países. Ana Luiza Martins mostra a ligação estreita entre a vinda de franceses e a busca de mercado de trabalho nas cidades brasileiras, que careciam de profissionais especializados como paideiros, cabeleireiros, artistas, modistas e cozinheiros. Da mesma forma, Jorge Luís Mialhe, ao examinar o movimento emigratório pelo porto de Bordeaux, verificou que boa parte dos franceses tinha como destino o Rio de Janeiro, capital do Império.

Mônica Leite Lessa e Hugo Rogélio Suppo desvendam o outro lado desta história ao lançarem o olhar para as opiniões negativas, na França, acerca do Brasil. Por lá, circulavam notícias sobre as péssimas condições de vida e os maus-tratos sofridos pelos imigrantes. Para agravar a situação, subsistiam ideias que desde a colonização marcaram o imaginário europeu sobre a Terra dos Papagaios: o clima nocivo à saúde, as habitações desagradáveis, a falta de sociabilidade dos habitantes, a presença dos africanos, tidos como “preguiçosos” e “moralmente inferiores”. Pouco adiantaram os esforços do governo imperial para melhorar a

imagem de “barbárie”. Não muito afeitas a incentivar fluxos emigratórios, as autoridades francesas proibiram, em 1875, o recrutamento de seus conterrâneos pela Agência Brasileira de Imigração.

**N**a segunda parte do livro, “Terra de refúgio, terra de utopia”, o Brasil aparece nas análises como um lugar de abrigo seguro, frente às perseguições sofridas na Europa, e de realização de novas experiências sociais. Juliette Dumont perscrutou a presença de exilados bonapartistas, especialmente no Rio de Janeiro, revelando o temor das autoridades com a disseminação de ideias políticas revolucionárias. O medo era potencializado pelo coronel Maler, cônsul francês no Brasil, capaz de enxergar bonapartistas por todos os lados. Apavorado com o crescente número de franceses na capital do Império, o coronel alertava, frequentemente, seus superiores para o perigo da proximidade entre as costas brasileiras e a Ilha de Santa Helena, local para onde Napoleão Bonaparte fora expatriado. A preocupação com uma possível conspiração bonapartista carecia de fundamento. Boa parte dos exilados pretendia conseguir um emprego e viver em tranquilidade no Brasil, propósito evidente na leitura da correspondência de Jean Etienne Seraine, explorada por Jean Glénisson. O bonapartista chegou ao Rio de Janeiro em 1827, e não tardou em conseguir um posto de diretor de obras públicas em Fortaleza, graças à ajuda do senador José Martiniano de Alencar. Nas cartas enviadas aos seus

primos na França, publicadas ao final do artigo, relatou as vicissitudes da passagem de um francês pelo Brasil, como o desemprego e as perseguições que sofreu por ser estrangeiro.

A acreditar na máxima que diz serem as aparências enganosas, enquanto as autoridades preocupavam-se com os bonapartistas, descuidavam da entrada de outros franceses, cujas opiniões poderiam ser perigosas para a estabilidade política do Império. É o caso de Louis-Xavier de Ricard, apresentado por Claudio H. M. Batalha e que, com seu jornal *Le Sud-Américain*, incendiou a opinião pública com ideias republicanas e abolicionistas. Ivone Gallo mostra como os ideais do socialismo utópico decantaram em Santa Catarina, com a iniciativa de Benoist-Jules Mure de fundar o Falanstério do Saí, uma adaptação exótica dos ideais de Charles Fourier. Plantada em um país escravista, contrário aos ideais de igualdade do socialismo, a experiência fracassaria. Mas sua força permanece no imaginário de homens e mulheres que vivem na região, como revela o estudo de Maria Bernadete Ramos Flores, Émerson César de Campos e Carina Sartori.

Perseguição também foi um dos motivos da vinda de judeus franceses para o Brasil ao longo do século XIX. Fania Fridman investigou dois momentos distintos desta imigração: de 1814, após a abertura religiosa promovida pelo governo brasileiro, até 1867, quando foi criada a União Israelita do Brasil, e, posteriormente, quando da anexa-

ção da Alsácia-Lorena pela Alemanha, em 1871. Na freguesia do Sacramento, no Rio de Janeiro, formaram um bairro francês, com casas comerciais, de penhores e de importação. Os menos afortunados realizavam trabalhos artesanais, dedicavam-se ao comércio ambulante ou ao ensino de música, desenho e língua francesa.

Os *métiers* exercidos pelos imigrantes no Brasil são objeto da terceira parte, “O amplo leque das atividades urbanas”. Seis artigos reforçam um aspecto que, permanentemente, é reiterado pelos colaboradores da obra: a inserção profissional nas cidades brasileiras, um dos traços que distingue a imigração francesa da imigração da Europa mediterrânea, cujos imigrantes vieram basicamente para servir de mão de obra nas regiões agrícolas do país. Em São Paulo, como revela Heloisa Barbuy, os comerciantes franceses ditavam a moda e os produtos de consumo dos mais abastados. Examinando os almanaques comerciais, essa autora descobriu que, apesar de representarem apenas cerca de 8% dos imigrantes da cidade, eles dominavam alguns ramos, como hotelaria, cafés, bilhares, chapéus finos e joias, perfumes e bibelôs.

As pistas encontradas nos almanaques comerciais também serviram para conduzir a investigação de Vanessa dos Santos Bondstein Bivar e Eni de Mesquita Samara. Em São Paulo, além dos figurinos e dos *toilettes*, os franceses ofereciam a moda dos belos jardins, vendendo plantas e sementes importadas da Europa. Nos

anúncios dos jornais, ofertas de camélias, dália, árvores frutíferas e outras flores que vinham de Paris. No texto de Leticia Gregório Canelas, o exame do periódico *Courrier du Brésil* (1854-1862) revelou a existência de uma rede de assistência mútua entre os imigrantes franceses residentes no Rio de Janeiro.

Mas nem tudo era *glamour*. Menos afortunados, muitos imigrantes franceses saíram do anonimato por vias nada elegantes. Dos registros da polícia da Corte, surge a outra face da *mode française*: a prostituição. Dedicada a esta temática há anos, Lená Medeiros de Menezes analisa como o metrício transformou-se em um problema urbano no Rio de Janeiro do século XIX. Particularizando o caso das imigrantes francesas, mostra o preconceito contra artistas, modistas e dançarinas, profissões que, para a polícia, eram exercidas por “mulheres de má vida” – opinião que se refletia na imprensa, que, não raro, apresentava as imigrantes como *cocottes* frequentadoras dos *vaudevilles*. Por trás da imagem de diversão dos cabarês, escondiam-se a exploração sexual e o lucrativo tráfico de mulheres europeias.

Paris serviu de vitrine não apenas para as capitais mais abastadas do Brasil. Denise Mattos Monteiro analisa a trajetória de um jovem francês, Théodore Boris, que fundou um dos mais importantes estabelecimentos comerciais de importação e exportação do Ceará, a Casa Boris Frères. Para Fortaleza, trazia as últimas novidades em tecidos, peças de vestuário, perfumes,

vinhos e conservas. Para a Europa, enviava gêneros “exóticos” da província, como penas de ema e cera de carnaúba. Manaus, no auge da exploração da borracha no século XIX, colocava a modéstia de lado e se autointitulava a Paris da Selva, como nos conta Maria Luiza Ugarte Pinheiro. Por suas ruas, passeavam “graciosas *demoiselles pipocas, chiquement* vestidas de *tulle* preto com enfeites de rendas aromáticas...”, como registrou um jornal da cidade em 1917. A moda francesa contaminou até a administração pública da província, que, em 1906, construiu uma réplica em madeira da Torre Eiffel para receber o presidente da República Afonso Pena.

A quarta parte da obra, “As experiências nas colônias agrícolas”, oferece um contraponto fundamental às análises dedicadas às experiências urbanas. No estudo de Grégory Corps, o caso da colônia agrícola de Benevides, fundada por imigrantes franceses na Amazônia, é ilustrativo da dificuldade do governo imperial em oferecer auxílio jurídico e financeiro aos colonos, ou mesmo em controlar a ação das companhias responsáveis pelo recrutamento de imigrantes – situação similar à dos colonos que seguiram para Valão dos Veados, no interior da província do Rio de Janeiro. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo mostra que, tanto quanto outros imigrantes europeus, os colonos franceses foram vítimas da ausência de assistência das autoridades e de contratos imprecisos.

De Carangola, em Minas Gerais, o médico Alexandre Bréthel enviou dezenas de

cartas para um tio que vivia na Bretanha. Encontradas no sótão de um velho solar, foram analisadas por Françoise Massa e são, sem dúvida, um registro raro do cotidiano de um colono francês no Brasil. Em sua propriedade, recebeu personagens ilustres como o Conde d’Eu e outros viajantes interessados na flora e na fauna da região. Sua história soma-se a outras apresentadas na quinta parte, “Trajetórias individuais e memória”, que encerra a obra. Júnia Furtado recupera o interesse dos franceses pela riqueza e pelos estudos mineralógicos na capitania de Minas Gerais desde o século XVIII, entrecruzando as trajetórias de Guido Marlière, Jean-Antoine Monlevade, Claude Henri Gorceix e Paul Ferrand.

O exotismo da natureza e das gentes do Brasil seduziu outros franceses que, por aqui, ficaram famosos pelas marcas culturais que legaram. Auguste François-Marie Glaziou chegou ao Rio de Janeiro em 1858 e, como revelam Fábio Simões Cardoso e Marlice Nazareth Soares de Azevedo, ganhou o apreço do imperador d. Pedro II, ao recriar as paisagens do Passeio Público, da Quinta da Boa Vista e do Campo de Santana nos moldes dos jardins parisienses. Hercule Florence, o famoso inventor da fotografia, recebeu uma análise muito original nas mãos de Dirceu Franco Ferreira e Nelson Mendes Cantarino. Os autores revelaram facetas inusitadas de Florence, como sua admiração pelos quilombos, nos quais enxergava formas semelhantes aos ideais associativistas pregados pelo socialista

utópico Charles Fourier. Desejadas pelos brasileiros, a cultura e as ideias francesas não deixavam de representar um perigo político e uma corrupção da moral das famílias. No rastro dos editores franceses que vieram para o Rio de Janeiro, os irmãos Baptiste e Hippolyte Garnier, e Anatole Louis Garraux, Marisa Midori Deaecto discute, em meio às edições de conteúdo erótico ou crítico à instituição monárquica, a ampliação do mercado de livros no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O panorama apresentado demonstra as múltiplas possibilidades de pesquisa que o tema oferece e é, sem dúvida, uma das maiores contribuições da obra. Pouco explorada pelos historiadores no Brasil, a imigração francesa conhece estudos significativos no México, na Argentina, nos Estados Unidos e no Canadá, e *Franceses no Brasil* fornece subsídios importantes para análises comparativas. Um exemplo é o caso dos imigrantes alsacianos para os Estados Unidos, estudado por Nicole Fouché, ou ainda de outras experiências fourieristas na América, examinado por Carl Guarneri. Para os interessados em investir neste novo campo de pesquisa, a bibliografia coletiva e o rol de fontes disponíveis em arquivos no Brasil, em Paris e na internet apontam caminhos possíveis de investigação.

Mas convêm algumas advertências. Apesar da ressalva feita pelos organizadores, na

nota introdutória, sobre o vazio historiográfico em relação ao tema, alguns textos se excedem na narrativa documental, deixando a análise do objeto, por vezes, relegada a um segundo plano. Faltam articulações mais claras com o contexto, para evitar uma “história de ideias descarnadas”, como ironizou Lucien Febvre, ou mesmo que situem o leitor com pouca intimidade com a temporalidade escolhida para a análise.

A disposição dos capítulos, organizados em temas, permite ao leitor ter uma visão mais abrangente, uma vez que os artigos, em sua maioria, são estudos de caso. Este último aspecto provoca certo incômodo aos que leem a obra inteira sem selecionar os capítulos, pois há informações que, por vezes, se repetem. As ilustrações, muito pertinentes em alguns estudos, mereciam um tratamento especial por parte dos autores, que poderiam ter explorado mais a riqueza dos detalhes de muitas delas. Outras imagens não permitem a leitura, como certas reproduções de documentos e periódicos.

A obra, no entanto, cumpre seu objetivo de incentivar a formação de um campo de estudos sobre a imigração francesa e, recém-lançada, já pode ser considerada leitura obrigatória para especialistas interessados na história da imigração europeia, aspecto essencial para se compreender a formação da sociedade brasileira.

---

Recebido em 19/10/2009

Aprovado em 20/10/2010